

Reconstruindo territórios e identidades: O processo de inserção dos moradores do Reassentamento São Francisco de Assis nas cidades de Corbélia e Cascavel - Paraná

Jorge Pagliarini Junior^{*}

Resumo: Este artigo problematiza o processo de reconstrução de territórios pelos reassentados da usina Hidrelétrica de Salto Caxias - Paraná, hoje moradores do Reassentamento São Francisco de Assis. Passado o prolongado movimento de luta na e pelas terras, contra o Estado, estes, agora designados reassentados, passam a reconstruir territórios e a redefinir, a partir dos novos desafios, suas identidades. Refletiremos, a partir das possibilidades do uso da História Oral, o significado das cidades vizinhas para os reassentados, neste processo de disputa por território e reconhecimento de vida.

Palavras-chave: reassentamento, identidades, cidades.

Abstract: This paper discusses the process of reconstruction of territories by resettlers, due to construction of the hydroelectric power plant Salto Caxias - Paraná, who nowadays live in the resettlement São Francisco de Assis. This resettlers, after the extension struggle movement on and for land against the State, now start to reconstruct territories and rediscuss their identities based on the new challenge. We will consider, using the possibilities of Oral History, the importance of cities next to the resettlement in this process of struggle for territory and recognition of life.

Key words: resettlement, identity, cities.

“Um pouco em Corbélia, um pouco em Cascavel”.¹ Esta foi a resposta de um reassentado para uma pergunta a partir da qual pretendíamos refletir a busca dos moradores do reassentamento São Francisco de Assis, em Cascavel, Paraná, por inserção nas cidades da região. O fragmento foi retirado de entrevista realizada com um dos moradores do reassentamento e faz parte de uma pesquisa na qual buscamos problematizar a construção de territórios pelos agricultores retirados de suas terras no Sudoeste do Estado, quando da construção do reservatório da Hidrelétrica de Salto Caxias, no curso do Rio Iguaçu. Estes agricultores passaram a ser designados, desde então, reassentados.² Formado pelos reassentados de Salto Caxias e, atualmente, também por compradores de terras na localidade, o reassentamento pertence ao município de Cascavel, mas se localiza a poucos quilômetros do centro do município de Corbélia. Ao refletirmos as dinâmicas sociais no reassentamento, suas relações sócio-econômicas e os posicionamentos dos reassentados diante dos desafios cotidianos, percebemos que o território do Reassentamento se alarga, de diversos modos, e adentra nas cidades de Corbélia e Cascavel. Entendemos o processo de reassentamento enquanto

resultado de uma migração forçada, e este artigo se propõe a discutir a importância das cidades de Cascavel e Corbélia na construção de territórios³ pelos migrantes reassentados.

Acreditamos que a reconstrução de territórios responda a uma busca tanto material como simbólica.⁴ Em decorrência deste raciocínio, é interessante observar que, enquanto “espaço-tempo vivido”, o território é sempre múltiplo, “diverso e complexo”, ao contrário do território “unifuncional” proposto pela lógica capitalista hegemônica. Neste artigo, tratamos desta construção a partir da busca, dos usos e das disputas dos moradores do reassentamento São Francisco pelas cidades de Corbélia e Cascavel. Entendemos que a reconstrução de vida se dá tanto nas propriedades do reassentamento, quanto nas cidades. Nesta perspectiva, destacamos a partir das entrevistas dos reassentados, a importância que estes sujeitos deram ao reconhecimento de suas trajetórias de vida nestas cidades, ou seja, ao fato de serem reconhecidos como trabalhadores rurais. Trabalhamos com os pressupostos teóricos e metodológicos da História Oral,⁵ para refletirmos as narrativas de reassentados e de moradores de Corbélia.

^{*}Mestre em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Professor do curso de História da Ctesop/Unimeo. E-mail: palhajr@yahoo.com.br

¹VOESE, Alcideo. Entrevista cedida a Jorge Pagliarini Junior. Reassentamento São Francisco de Assis, 03 de março de 2008.

²Estas reflexões fazem parte de dissertação de mestrado defendida em 2009 junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História, Poder e Práticas Sociais da UNIOESTE. PAGLIARINI JUNIOR, Jorge. *Memórias de luta, lutas pela memória: o Reassentamento São Francisco de Assis (1995- 2008)*. Marechal Cândido Rondon, 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

³Sobre isto ver HAESBAERT, Rogério. *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. Porto Alegre, set. de 2004. Disponível em: <<http://w3.msh.univ-tlse2.fr/cdp/documents/CONFERENCE%20Rogério%20HAESBAERT.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2008. p. 2.

⁴Idem, ibidem.

⁵Apresentaremos as histórias de vida de seis moradores do reassentamento e dois moradores de Corbélia. Estas entrevistas fazem parte de um total de dezenove entrevistas apresentadas na dissertação acima citada: PAGLIARINI JUNIOR. op. cit. Para produção e análise destas entrevistas, seguimos uma abordagem próxima à de Alessandro Portelli, que afirma a relação dialógica que envolve a produção dos relatos orais. Ver: PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 19, 1997.

Esta análise também está permeada pela reflexão sobre a relação entre campo cidade, numa perspectiva próxima a de Raymond Williams,⁶ autor que destaca que esta relação (campo-cidade) necessita ser pensada de maneira a problematizar relações dicotômicas. Essa observação é importante, pois, ao apresentarmos os viveres e disputas presentes no território do São Francisco de Assis, percebemos como os limites espaciais deste lugar não coincidem com as dinâmicas de seus moradores, que circulam diariamente pelas cidades vizinhas. Assim como no reassentamento encontramos o tempo e o lugar da cidade, em Corbélia encontramos o tempo e o lugar do campo. Todavia, antes de nos determos à análise da construção do território do São Francisco de Assis pelos reassentados, lançamos um breve olhar para a trajetória dos reassentados.

Os embates dos reassentados com o Estado, representado pela Companhia Paranaense de Energia (Copel), em razão da construção da hidrelétrica, significaram reunir em torno de uma causa e com diferentes graus de adesão, políticos, grandes proprietários, médios e pequenos agricultores, meeiros, posseiros e agregados. Os resultados destes embates significaram, a partir de 1995, mudanças nas vidas de 1.322 famílias destituídas de suas terras em nove municípios da região Sudoeste do Paraná, sendo eles: Capitão Leônidas Marques, Boa Vista da Aparecida, Três Barras do Paraná, Quedas do Iguaçu, Nova Prata do Iguaçu, Salto do Lontra, Boa Esperança do Iguaçu, Cruzeiro do Iguaçu e São Jorge do Oeste.⁷ Destas famílias, 612 foram reassentadas em 10 reassentamentos.

Dentre as famílias atingidas, as possuidoras de propriedades compostas por mais de cinco alqueires foram indenizadas com dinheiro. As famílias que possuíam área de até cinco alqueires, juntamente com meeiros, posseiros e agregados foram incluídas no projeto de reassentamento. Das 612 famílias reassentadas, 483 optaram pela indenização de terra por terra e 159 optaram pela indenização em dinheiro para comprarem terras em outras localidades. Das famílias indenizadas por terra, 76% eram de pequenos proprietários.⁹

Na região de Cascavel, foram constituídos, a partir de 1995, três reassentamentos. O maior corresponde ao objeto deste artigo, o reassentamento São Francisco de Assis. Este foi formado por terras indenizadas da fazenda Piquiri, pertencente, até então, à Agropecuária Flamapec, conhecida pelos moradores da região por Flamapec. A partir daí, as cidades de Cascavel e Corbélia começaram a fazer parte dos lugares disputados e sonhados pelos moradores do reassentamento. Esta busca pela inserção nas cidades ocorreu tanto entre os primeiros a chegarem, após o movimento de reivindicação por terras, quanto entre os que mudaram para o reassentamento após sua instalação. Refletiremos sobre as apropriações dessas cidades a partir das diferentes dimensões apresentadas pelos entrevistados em suas narrativas: a cidade já conhecida e a que está sendo conhecida, a cidade em sua funcionalidade, a cidade em sua “cultura” urbana.

Apresentaremos o espaço urbano dos municípios de Corbélia e Cascavel a partir do esforço dos reassentados para conhecerem ruas, marcos e símbolos destes lugares. Nesta perspectiva, foi significativo o diálogo com a obra de Célia Rocha Calvo, na qual a autora apresenta os viveres citadinos de Uberlândia (MG), a partir da problematização “dos lugares da memória” locais. O diálogo com esta obra propiciou uma abordagem preocupada com as imagens do espaço, numa perspectiva que pretendeu abranger a geopolítica e a própria paisagem urbana em suas marcas do processo histórico para, a partir desta construção, atentar para os conflitos e ambigüidades presentes no recente processo de transformação deste espaço em território pelos reassentados. Célia Rocha se refere a uma cartografia *socialmente construída*,¹¹ abordagem que traz as diferentes temporalidades presentes num espaço, que parece homogeneizante, reforçado por poderes de políticas urbanas e ideologias pautadas nos discursos que mitificam o progresso, mas que é vivido, apreendido e construído socialmente de diferentes formas.

Nas narrativas dos reassentados, percebemos as fronteiras políticas, econômicas, sociais e culturais atravessadas por eles cotidianamente quando buscam as cidades. Estas fronteiras não separam os lugares

⁶ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade na História e na Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 387.

⁷ SCHREINER, Davi Félix. *Entre a exclusão e a utopia: um estudo sobre os processos de organização da vida cotidiana nos assentamentos e reassentamentos rurais* (Região Oeste/Sudoeste do Paraná). São Paulo, 2002. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo.

⁸ A Comissão Regional dos Atingidos por Barragem do Rio Iguaçu (CRABI) teve o papel central em torno da organização dos atingidos que, a partir das negociações para a indenização com novas propriedades, seriam, então, designados reassentados. O contato com sindicatos e políticos, o diálogo próximo com o Movimento de Atingidos por Barragem do Rio Uruguai (MAB) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT) determinaram novas práticas aos moradores, que passariam a discutir constantemente sobre as políticas sociais.

⁹ A FT - Força de Trabalho foi estabelecida pela Copel como unidade de referência para distribuição de terras às famílias reassentadas. Uma FT representa 7 alqueires. As crianças de 5-10 anos de idade correspondem a 0,25 f/t por integrante da família; entre 10-14 anos, 0,5 f/t por integrante da família; entre 15-55 anos, 1,0 f/t; entre 55-60 anos, 0,8 f/t por integrante da família; acima de 66 anos, 0,4 f/t por integrante da família. *Relatório da Copel*. Departamento do Reservatório Usina Hidrelétrica de Salto Caxias. Programa de Reassentamento: Determinação do Público, maio de 1995. Critérios utilizados, p. 1-2.

¹⁰ CALVO, Célia Rocha. *Muitas memórias e histórias de uma cidade: experiências de viveres urbanos em Uberlândia 1938-1990*. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. A partir das imagens presentes nas memórias de moradores com mais de 50 anos e que presenciaram a atuação de políticas de transformação do espaço urbano de Uberlândia, a obra apresenta os poderes do mercado modeladores do espaço e outros espaços da cidade e mesmo “lugares da memória” produzidos pelos políticos e empresários locais. Estes lugares, como constam nas memórias dos trabalhadores, muitas vezes sofrem o processo de lembranças e esquecimentos, diante das diferentes imagens dos lugares sociais.

¹¹ Idem, p. 26.

ocupados pelos reassentados dos moradores das cidades, afinal, os territórios reconstruídos estão além desta divisão física e as suas reconstruções se dão tanto no reassentamento quanto nas cidades. Para fundamentarmos o significado da apropriação destes espaços, a partir da interpretação das narrativas, seguimos a perspectiva de que existem políticas de poderes entre os espaços e que as relações de identidades presentes estão permeadas por políticas de organização destes espaços.¹²

Akhil Gupta e James Ferguson alertam para a necessidade de não naturalizarmos os espaços.¹³ Para os autores, a compreensão das relações entre *Nós/Eles* necessita da problematização das políticas e hierarquias de espaços interligados, como, por exemplo, na relação entre campo e cidade e na construção de comunidades. Desse modo, precisamos conhecer a materialidade dos dois municípios estudados para então traçarmos alguns apontamentos sobre as políticas e influências desses lugares.

A última contagem da população do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)¹⁴ aponta em Cascavel uma população censitária total de 245.369 habitantes e, em Corbélia, de 15.803 habitantes. De acordo com dados do IBGE/Iparde, aproximadamente 17% da população cascavelense vive em situação de pobreza. Já os corbelienses nesta situação contabilizam, aproximadamente, 24% da população. Sobre as condições sociais e econômicas, importante destacarmos que Cascavel possui um IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de 0,810 e um grau de urbanização em torno de 93,20% da população. Já o IDH de Corbélia é de 0,767 e o grau de urbanização, em torno de 79% dos habitantes.¹⁵

O impacto social e econômico dos reassentamentos nesses dois municípios foi significativo. Além do São Francisco, foram estabelecidos no município de Cascavel os reassentamentos Barater e Refopaz. Os três, juntos, totalizam 450 famílias e representam um aumento de aproximadamente 15% no número de propriedades rurais do município. Este dado reflete, em parte, as transformações que os reassentamentos trouxeram à região.

Os dados acima demonstram parte da estrutura urbana e sócio-econômica dessas cidades. São importantes ao apresentarem, por um lado, a proximidade econômica e social entre Corbélia e Cascavel e, por outro, a desproporção entre estas cidades no que se refere ao número total de habitantes. Esta diferença foi percebida pelos reassentados quando narravam seus usos das cidades.

O município de Corbélia, diferentemente de Cascavel, foi apresentado pelos reassentados como pequeno, mas importante desde os primeiros anos de instalação do reassentamento, exatamente por possuir estrutura próxima à dos municípios de onde provinham e também por se localizar próximo ao reassentamento. Já o município de Cascavel representa o progresso material conquistado nestes últimos anos. Ali se gasta o ganho da produção e se encontram as melhores ofertas para compra de máquinas agrícolas e insumos. Nas entrevistas, notamos o destaque atribuído ao trabalho, ou ato de trabalhar, em Corbélia e em Cascavel, e as relações disso com a reprodução de modos de vida e de pensar no reassentamento. Estas cidades são apresentadas como lugares do trabalho e permeadas pelo discurso do “pioneirismo”, corrente na região, e com o qual os reassentados tiveram que lidar.¹⁶ Essa necessidade os levou a se posicionar e a criar estratégias para serem aceitos nestes lugares.

Em certas entrevistas, a inserção nestas cidades foi descrita como uma das necessidades para o desenvolvimento das atividades cotidianas no reassentamento. Ao falar da construção do reassentamento São Francisco de Assis, os entrevistados não deixavam de destacar o que esperavam encontrar naquelas cidades.

Pedro foi um dos presidentes da Comissão Regional dos Atingidos pela Barragem do Rio Iguazu (CRABI), no decorrer do processo de reivindicações e posterior escolha do local onde seria instalado o reassentamento. Ele pôde contribuir para a construção de um ideal defendido pela maioria. Sobre o local, ele o representou como o ideal: “Não, mas eu, desde quando eu vim olhar pra ver se era uma fazenda só aqui, eu já vi que tinha [condições], se o cara não sobrevive aqui, não sobrevive em lugar nenhum”.¹⁷

¹²Trabalhamos com uma noção de identidade próxima à de Stuart Hall. Desta maneira, procuramos não buscar uma visão essencialista (assentado, reassentado, colono, agricultor pertencente a um movimento social, morador das cidades, em oposição ao morador do campo ou, ainda, pioneiro nos municípios de Corbélia e/ou Cascavel). Nos estudos de Stuart Hall e de outros autores contemporâneos, os sujeitos, as sociedades em que vivem e suas culturas ganham sentido quando o autor se detém a uma compreensão processual, ou seja, uma busca pela interpretação destas categorias a partir da historicidade em que se dão as relações de identidade. Nesta perspectiva, os estudos de identidades devem considerar as implicações políticas e sociais, ao dialogar com movimentos sociais e de classe, problematizando a aceitação a priori de identidades essencializadas. A respeito, ver: HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

¹³GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença. In: Arantes, A. A. (org.). *Espaço da Diferença*. Campinas, Ed. da Unicamp, 2000.

¹⁴Ver: http://www.ipardes.gov.br/site_xoops/index.php. Acessado em 05 de agosto de 2008.

¹⁵Idem. A diferença entre o IDH dos municípios de Corbélia e Cascavel deve-se, principalmente, à diferença entre os PIBs destes municípios. A respeito dos critérios utilizados pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Iparde) para determinar o número de habitantes que vivem em situação de pobreza, foram levados em conta, de acordo com o próprio Instituto: pessoas em situação de pobreza é a população calculada em função da renda familiar *per capita* de até 1/2. Os dados referentes à situação de pobreza são provenientes dos microdados do Censo Demográfico (IBGE) e das tabulações especiais feitas pelo Iparde.

¹⁶A própria denominação Corbélia é positivada e está relacionada às frentes de colonização. O nome Corbélia vem da palavra *corbeliê*, cesto de flores, e foi atribuído pela esposa de um dos fundadores do município, Armando Zanatto. Na própria denominação da cidade, portanto, percebemos uma construção simbólica que se refere à colonização do município, formulada a partir de representações que enaltecem a figura do “pioneiro” sulista.

Um dos motivos da escolha das terras da fazenda Flamapec para a construção do reassentamento foi a sua localização, próxima a Cascavel e Corbélia. Essa escolha foi planejada e dependeu das disponibilidades apresentadas pela Copel, mas os moradores também tiveram a possibilidade de escolher entre as “fazendas” apresentadas.

Conversar com Pedro nos ajudou a perceber que, além de sua experiência em saber escolher as terras, a sua propriedade foi também sonhada e conquistada e que a cidade está presente nesta conquista: “imaginava [em referência à qualidade das terras escolhidas pela comissão da qual fazia parte, onde hoje se localiza o reassentamento], porque tinha uma noção que era perto de Corbélia, perto de Cascavel, cidade grande”.¹⁸ Mas esta expectativa não era apenas dos membros da comissão que “escolheria”¹⁹ as terras.

Durante as palestras organizadas pelo Grupo de Estudos Disciplinares da Usina Hidrelétrica de Salto Caxias (GEM-CX), em junho de 1994, boa parte das discussões giravam em torno dos possíveis lugares a serem escolhidos para os reassentamentos. Isto está materializado em uma pergunta destinada ao palestrante da Companhia Energética de São Paulo (CESP), o senhor Osni Ricardo de Jesus Campos:

Pergunta: (...) A CESP se preocupa mais em áreas para reassentamento perto do reservatório do que no mesmo município? Aqui, na área de Salto Caxias, há uma preocupação em não ficar perto do reservatório. As pessoas têm preocupação em mudanças climáticas e por uma série de questões não querem ficar perto do reservatório. Como é na CESP? O pessoal queria ficar perto do reservatório?²⁰

Como percebemos, os exemplos de outras hidrelétricas construídas pela CESP, assim como outras da Eletrobrás, serviram de base para as propostas dos futuros reassentamentos. A pergunta remetia a uma das principais dúvidas dos reassentados: onde ficariam? E ela já estava composta de uma afirmativa, a de que os moradores reassentados representados pela CRABI pressionariam a Copel nesta escolha.

Nas falas dos reassentados, a proximidade da cidade grande poderia significar facilidade, mas também ameaça. A industrialização, presente nas cidades, não está presente no reassentamento. Exatamente por conta desta falta, as ofertas de empregos na cidade significam

para Ivani uma ameaça à continuidade do reassentamento. Para ela, o emprego advindo da agroindústria garantiria a fixação de sua família no reassentamento. Numa postura crítica às lideranças locais, a entrevistada defende a instalação de indústrias no reassentamento: “é porque se tiver uma indústria aqui no reassentamento, o pessoal do reassentamento inteiro vem trabalhar”.²¹ Segundo ela, se a administração local não trouxer indústrias, ocorrerá o êxodo para a cidade. Mas, se para Ivani a cidade também é ameaça, para seu filho Adilson, assim como para Pedro, ela apresenta possibilidades de transformação.

Adilson tem opinião semelhante à de sua mãe quanto à carência de emprego no reassentamento, mas, através de uma linguagem técnica, em razão de sua formação, ressalta os significados positivos de Corbélia e Cascavel para o futuro do local. Ele não culpa a cidade ou a especulação imobiliária e nem os fazendeiros. Com um olhar de “especialista”, discorre sobre como seria o reassentamento se a administração do reassentamento aproveitasse melhor as cidades:

(...) Então, tem pessoas aí que tem uma receita grande porque investiu dinheiro sete anos atrás. Só que para comprar um sítio aqui dentro, tem que tirar toda esta receita que ele tirou em sete anos [para ele, a grande maioria dos reassentados não acumulou capital para adquirir terras de outros moradores reassentados interessados em vender as propriedades]. (...) Geralmente vai vender pra um de fora, Corbélia, Cascavel, algum de fora aí. Isso foi o quê, uma conseqüência de uma má gestão de lideranças, porque a CRABI poderia existir hoje e quanto tempo quisesse (...)²²

Ou seja, para ele, somente o cultivo das terras não garantiria emprego para todos, pois há carência de agroindústrias, de mão-de-obra para o trabalho familiar. Para Adilson, o reassentamento deveria contar com indústrias porque, na opinião dele, isso evitaria o endividamento dos produtores e o êxodo rural.

A reconstrução da vida dos reassentados e de seu território recorre à apropriação dos viveres citadinos. Assim, Pedro destaca, ao enaltecer o local escolhido para a construção do reassentamento, as facilidades de estar próximo a Cascavel, pois vê nisso a possibilidade de garantir o turismo rural e uma boa produtividade das lavouras. Já Adilson destaca a importância de estar

¹⁷ROCHA, Pedro. Entrevista cedida a Jorge Pagliarini Junior. Reassentamento São Francisco de Assis, 01 de março de 2008.

¹⁸Idem.

¹⁹Seguimos com a perspectiva de que as terras foram escolhidas, pois não atentamos para uma pesquisa que se detivesse a possíveis jogos de forças - políticas e econômicas - que desta maneira interfeririam na indenização das áreas que compõem hoje o reassentamento.

²⁰Seminário de Reassentamento. Grupo de Estudos Disciplinares da Usina Hidrelétrica de Salto Caxias - GEM-SX, p. 26. Acervo pessoal de seu Pedro Rocha, morador do Reassentamento São Francisco de Assis. Na ocasião, o representante CESP trouxe parte da experiência de outros reassentamentos construídos pela Companhia Energética de São Paulo (CESP).

²¹MORAIS, Ivani de. Entrevista cedida a Jorge Pagliarini Junior. Reassentamento São Francisco de Assis, 08 de março de 2008. Ainda é válido informar que, neste trecho da conversa, Dona Ivani e de seu filho Adilson falavam da possibilidade do reassentamento transformar-se em um latifúndio, pois consideravam os riscos de, nos próximos 10 anos, a maioria das pessoas vender suas terras a fazendeiros de Corbélia.

²²MORAIS, Adilson de. Entrevista cedida a Jorge Pagliarini Junior. Reassentamento São Francisco de Assis, 08 de março de 2008.

próximo à estrutura das cidades para os projetos de beneficiamento e venda da produção agrícola. Ivani, por sua vez, destaca o desemprego para lembrar que as possibilidades de trabalho encontradas nas indústrias de Cascavel deveriam estar presentes ali no reassentamento.

Fica evidente o sentimento de conquista do espaço nas memórias dos reassentados. Essa conquista remete à existência de diferentes reassentamentos “ideais”, alguns em disputa.²³ Na expressão desta conquista, a inserção nas cidades atesta o sucesso de alguns entrevistados. Era uma resposta a uma pergunta produzida indiretamente, mas que parecia enfatizar, no geral, que as coisas deram certo. A idéia de comunidade é atribuída às conquistas da maioria. A própria relação entre campo e cidade ou, aqui, em específico, a relação do reassentamento com Corbélia e Cascavel confirma a vitória, pois, para muitos, conquistar as cidades é sinônimo de uma conquista pessoal diante de todo processo de reassentamento pelo qual passaram. Os que ali estão, são vistos como vencedores. Aos vencedores existiria a oportunidade de usar as cidades.

Quando lemos a obra *As Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino, nos provocou o fato de suas cidades não se explicarem apenas pela sua materialidade. As “Venezas” que permeavam a descrição do narrador contavam, entre suas metáforas, a da cidade de Zobeide, sonhada e surgida desse sonho coletivo.²⁴ A materialidade do reassentamento, no mesmo sentido, antes de ganhar forma, foi sonhada e disputada por moradores do reassentamento.

Representações sobre Corbélia e Cascavel: a cidade grande assusta?

(...) Pra mim, Cascavel sempre foi referência. Mas eu vou dizer uma coisa, tem pessoas, na verdade, nós viemos de municípios pequenos, tem o cara que nasceu, se criou, passou sua infância toda em município pequeno, quando ele chega num lugar grande, numa cidade grande, o trânsito pra ele já é um caos. Dirigir, pra dizer a verdade, ele nem dirige, em Cascavel nem dirige. Tem pessoas aqui que vai de carro até na entrada, deixa o carro e pega a lotação, não se atreve a dirigir...²⁵

De acordo com Marcel Roncayolo,²⁶ os estudos sobre a cidade pautam-se em duas tendências clássicas. Uma preocupada com a evolução da cidade no local e com a situação em que surgiu. A outra é baseada na

biologia, através da qual a cidade é comparada ao corpo. Ou seja, ou determinismo físico ou biológico. Estes determinismos não abrangem todo o fenômeno da urbanização, pois, segundo o autor, a interpretação da cidade está em relação mais ou menos estreita com um espaço que não se pode resumir a um conjunto de objetos urbanos, mas às relações sociais que ali ocorrem. Transitaremos entre estas abordagens ao nos determos à questão de como Corbélia e Cascavel são importantes para os viveres dos moradores do São Francisco de Assis.

Estar localizado entre Corbélia e Cascavel, ou então, próximo de Corbélia, ou próximo de Cascavel, não deixa de ser uma questão do lugar do qual se observa. O observador pode seguir um dos caminhos. No nosso caso, foi decisivo para o recorte do trabalho o fato de morarmos em Corbélia e presenciarmos a chegada dos reassentados. Delimitado nosso objeto de estudo, restaria então responder: deveríamos entender a cidade por meio das funções e atividades da população? E entender esta suposta funcionalidade explicaria as relações sociais e significados que os reassentados constroem em relação a estas cidades? A diferença entre o tamanho de Cascavel e de Corbélia daria respostas às escolhas dos moradores por uma ou outra cidade quando constroem seu território?

Os reassentados percorrem as ruas e avenidas desses lugares, contam com estas estruturas para consumir e isso já indica como os sujeitos se relacionam com a própria materialidade no reassentamento. Na cidade se gasta parte das rendas obtidas com o trabalho com a terra e demais atividades realizadas no São Francisco de Assis. Alguns filhos de reassentados moram ou trabalham nas cidades. Além disso, o fluxo, o deslocar-se em ruas inicialmente desconhecidas, a procura pela infra-estrutura destes locais, as suas funções, são maneiras de se explicar a cidade e assim explicar parte dessas histórias de vida.

Na obra *Imagem da Cidade*, Kevin Lynch²⁷ trabalha com o *design* das cidades. Nesta obra, a cidade seria uma arte temporal, não controlada como outras artes. Para ele, os cientistas empenhados na organização da *urbs*, políticos, urbanistas, arquitetos, por exemplo, não teriam como, através de políticas urbanas, deter o poder do controle total dos viveres citadinos. Esta arte temporal não pode ser alcançada, *a priori*, com políticas urbanas, mas apenas no uso da própria cidade.

De diferentes maneiras, o contraste entre as cidades de origem dos migrantes e o movimento de Cascavel demonstra como o território precisa ser

²³ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Na obra, a *cidade real* é estudada a partir da *cidade ideal*. A cidade é lida de diversas maneiras por seus moradores diante das suas percepções do fenômeno da urbanização. A obra referida nos leva a pensar no reassentamento “ideal”, expressa por diversos entrevistados, cada um conforme suas expectativas.

²⁴A cidade sonhada pelos homens não foi encontrada, mas o encontro dos que a sonharam motivou a construção de outra cidade. Uma “cidade armadilha” feita para quem chegava de fora e não havia sonhado com ela. No lugar onde desaparecera a bela mulher sonhada, uma muralha fora erguida e os muros impediriam fugas. Nenhum morador nunca viu a mulher e a cidade nasceu de um sonho coletivo.

²⁵Ver: CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Rio de Janeiro: O Globo, 2003, p. 48.

²⁶RONCAYOLO, Marcel. Cidade. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Casa da Moeda. vol. 8, 1986.

²⁷LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

reconstruído diante do desafio da conquista dessa cidade. O reassentamento São Francisco de Assis pertence política e administrativamente a Cascavel, e foi dessa cidade que se passou a cobrar a infra-estrutura necessária para a existência do reassentamento. Afinal, era ali que se passou a votar e esse passou a ser o endereço indicado quando, por exemplo, se fazia uma compra a prazo. Assim responde Alcideo ao responder sobre os usos que faz dessas cidades:

Pergunta: qual cidade o senhor usava mais, Corbélia ou Cascavel?

(...) Olha, as duas. Tanto Corbélia quanto Cascavel, até hoje continua assim, pra comprá, a gente faz em Corbélia.

(...) Ali em Corbélia, porque é mais prático. Assim a gente se sente mais à vontade e a gente vai todo dia.

(...) É, pra dizer bem a verdade, eu tinha até problema pra poder fazer documento de carro, não consegui fazer no começo porque morava em Cascavel, pagava a luz em Corbélia, daí o departamento lá, por eu morar em Cascavel e pagar luz em Corbélia, daí não daria, então...

(...) Hoje uso mais Cascavel. Mas eu tenho meu carro emplacado em Corbélia, a moto do meu filho emplacada em Corbélia, eu comprei em Cascavel, mas eu comprei nova pra ele, mas daí eles tiveram que dar documentada, eles pegaram e levaram ela pra Corbélia, fizeram por ali os documentos, por ali não saía.²⁸

Conhecer as cidades significa conhecer a estrutura regional, as hierarquias urbanas das quais escreve Marcel Roncayolo.²⁹ Comprar carro e moto e emplacá-los, ter uma fatura de energia elétrica para comprovar moradia quando se faz aquisições ou se procura as instituições financeiras, são atividades que fazem parte do cotidiano destes moradores. Os entrevistados destacam a importância de se dizerem moradores de um município. Pertencer a um município, ao mesmo tempo, remete ao uso que se faz dele. Se Cascavel apresenta opções de maquinários, Corbélia, por ser menor e menos movimentada, destaca-se pela facilidade e praticidade para chegar até o comércio. Por um lado, as possibilidades de serviços encontrados em Cascavel, uma cidade considerada pelos entrevistados como “cidade grande” e, por outro, a tranquilidade e

facilidade de localização encontrada em Corbélia. Cada uma das cidades tem seus atrativos e apresentam significados distintos nas entrevistas. Adquirir terras no reassentamento significa ter acesso a esses lugares.

É uma vida, segundo nos conta Alcideo, diferente daquela que viveu com seus dois filhos e esposa no Mato Grosso e no Paraguai. Quando se reportava às dificuldades que passou nesses lugares, o entrevistado apresentou o porquê de aceitarem passar por dificuldades para se estabelecer no reassentamento. Precisaram comprovar aos demais moradores que contribuiriam dali em diante com a associação e enfrentaram desconfiças. Nesse período também sofreu com os questionamentos da Copel, pois sua situação de comprador de terras ali não estava prevista nos regulamentos desta instituição. A princípio, a negociação de terras no reassentamento estava proibida, mas eles conseguiram ser considerados reassentados pelo Estado, pois receberam o aval da associação de moradores e a negociação das terras foi aceita em uma assembléia.

Alcideo e sua esposa Ana compraram uma terra produtiva, mas também compraram um lugar próximo à rodovia, de onde teriam acesso facilitado às cidades vizinhas. Das cidades provém parte das conquistas que buscaram durante toda uma vida de migrante.

A inserção dos reassentados intensificou-se primeiramente em Corbélia. Isso nos foi explicado nas entrevistas, afinal, Corbélia se parecia com as cidades de onde vieram, cidades pequenas. A distinção nesta situação é associada à diferença entre o porte das cidades e nesta comparação os visitantes de cidades “menores” são reconhecidos como portadores de uma espécie de cultura do “interior”, que facilitaria, para muitos, a aproximação e o convívio.

Ir de uma cidade “pequena” para uma “grande” tem um significado próximo ao de ir do campo para a cidade? Às vezes. Nas diferentes escalas, as relações sociais são permeadas pelo preconceito contra o homem de origem rural. Diferentemente do sentido que o termo *colono* estava sendo apresentado nas entrevistas, em certas entrevistas ele ganha um tom preconceituoso e está associado ao ignorante, ao caipira, ao que não é urbanizado.³⁰

²⁸VOESE, Alcideo. Op. Cit.

²⁹RONCAYOLO, Op. Cit.

³⁰Importante atentar aos significados atribuídos a esses termos pelos entrevistados e pelas demais fontes. A utilização destes termos indica o movimento presente no processo de construção do reassentamento São Francisco de Assis e da própria colonização da região Oeste paranaense. Na dissertação, a partir da qual formulamos este artigo, trabalhamos com termos como *colono*, *agricultor* e *camponês*, além da própria designação de *reassentado*. Apesar de não refletirmos sobre os usos do termo *camponês*, ele está presente nas discussões referentes às problemáticas de identidades de trabalhadores ligados ao cultivo da terra e a movimentos sociais pela terra. Estas análises destacam como o sistema capitalista abrange, também, formas não capitalistas de trabalho na terra. Nas entrevistas produzidas, os entrevistados não se designaram camponeses, mas esse termo nos permite dialogar com bibliografia que nos ajuda a refletir sobre o reassentamento (e tivemos o cuidado de não dicotomizarmos as práticas de trabalho capitalista e não capitalista). Em relação ao termo *colono*, este também foi utilizado de maneira que pudéssemos dialogar com a bibliografia que estuda o trabalho no campo dentro de relações capitalistas. Todavia, esta palavra ainda remete a uma forma de auto-identificação dos moradores entrevistados. A maioria dos entrevistados, reassentados e corbelienses, se autodenominava *colonos*. Dentre as muitas significações deste termo, ele foi utilizado pelos entrevistados para se identificarem com uma vida comum do trabalhador do campo ligado a uma cultura que os remete aos colonizadores da região. Por fim, o termo *agricultor* que, de maneira geral, agrega os outros dois citados, foi utilizado nas entrevistas quando os entrevistados se remetem, principalmente, ao trabalho ligado à agricultura familiar.

Todavia, nas memórias sobre a chegada ao reassentamento, os receios se dão em diferentes níveis. Não é uma regra, pois os reassentados lidam com o desafio de conhecer a cidade de diferentes maneiras, mesmo porque este receio precisa dar lugar a novas experiências citadinas. Sobre como foram vistos pelos moradores locais, nos diz Adilson:

O pessoal falava Flamapec. Ficava curioso, mas o povo ser da Flamapec, “mas lá o pessoal é sem terra e não sei o quê”... O pessoal avacalhava muito mesmo, ali em Corbélia mesmo, eu estudei o segundo grau, em Corbélia, os colegas lá que estudavam comigo avacalhavam comigo 24 horas. Chegava “o sem terra e não sei o quê e não sei o quê”. E a gente explicava, “não é sem terra”....³¹

O tom da resposta pode sugerir a interpretação de que essas brincadeiras de moradores de Corbélia e de Cascavel poderiam ter causado certo desconforto ao entrevistado. Mas sua visão sobre o significado destas cidades destaca outras relações nas e com as cidades: “Não, porque a cidade grande de Cascavel já tinha mais de 200 mil habitantes, então não tinha porque, você tava lá, era uma pessoa normal, é claro se você chegava numa loja e falava assim: ‘você é de onde?’”³²

Diferente do que se poderia esperar, no seu caso, Cascavel não era envolta num sentimento de medo ou receio. Cascavel não assustava com seu movimento, pois ali, devido ao fluxo de pessoas, seria mais difícil discernir quem era “sem terra” ou agricultor. Não havia possibilidade de ser confundido com um “sem terra”, situação desconfortável vivenciada pelos reassentados em Corbélia. A multidão também ajudava a não ser reconhecido e isto traria maior liberdade na lida com a cidade.

Adilson demonstrou que necessita conhecer Cascavel para agilizar o trabalho na sua propriedade e para trazer futuros empreendimentos para o reassentamento. Sua proposta de investir na agricultura familiar faz com que valorize mais ainda as relações com esta cidade. Ele faz parte, segundo sua opinião, de uma juventude mais preparada para os desafios do campo. Valoriza o campo, mas um campo conectado com a cidade, moderno, e seus estudos e sua visão técnica enxergam no agronegócio a solução para um futuro seguro e rentável para o reassentamento. Uma pessoa que pleiteia um cargo político no reassentamento, como Adilson, possivelmente faz com que se apresente como alguém preparado para buscar nas cidades as necessidades cotidianas do local.

Percorrer as ruas das cidades significou, para outro entrevistado, Genivaldo, uma afirmação de vida. A “conquista” de Cascavel foi uma das mudanças de maior destaque na trajetória de vida narrada por ele:

Você fica perdido [em relação a Cascavel], tem que ir num lugar que você não conhece. E até porque Corbélia, apesar de ter muita gente que conheço, é uma cidade acolhedora, uma cidade, como se fosse parecida com a da gente. Lá, você chega, você deixa teu carro lá, não se preocupa.

Pergunta: Mas nesses dez anos, faltam ainda alguns dias, já deu pra descobrir os lugares mais interessantes de Cascavel?

Genivaldo: Ah, com certeza! (...) Pra conhecer melhor a cidade... Eu vou falar pra você, essa viagem, essa vinda pra mim foi um desafio.

(...) Imagina eu, em 1990, eu vim pra Cascavel comprar uma passagem pra minha prima ir pro Nordeste. Eu sou paranaense, mas a família tá no Nordeste. Vim comprar uma passagem pra ela visitar a falecida vó, que é a mãe dela também, né, e vim comprar uma passagem que naquela época era no início da rodoviária nova. A gente (...) daí eu vim do centro da cidade, de vez em quando eu passo de carro e nossa! Eu vinha marcando com galinho de árvore, né, marcando, “vou jogar aqui, porque como é que eu vou voltar?” No meio da rua pra atravessar aquele redondo da rodoviária ali, meu Deus do céu! Por isso que eu digo, foi um aprendizado. Eu pensava, “nunca vou conseguir chegar ali, de a pé já é difícil, imagina de carro!” Então, hoje eu já acho mais prático entrar de carro! Então por isso que eu digo pra você, dessa diferença do pessoal. Hoje a gente já se vira mais, já dá pouca importância, com menos indiferença. O pessoal ali foi uma vez e acha (...) Não, não, não, não. O importante é andar na rua, andar de cabeça erguida, não ter rabo preso com ninguém.³³

Mais do que ser discriminado, na fala de Genivaldo temos a superação de um sentimento de medo em relação à cidade, de superação das dificuldades de inserção. O conceito de tática desenvolvido por Michel de Certeau para compreender as práticas dos sujeitos submetidos a estratégias do Estado, mercado, etc, nos permite destacar a construção e conquista do espaço pelos sujeitos em seu cotidiano. Segundo o autor, as táticas, mais fracas que as estratégias, não possuem um lugar e dependem, em certo sentido, das estratégias. Todavia, as táticas têm o tempo a seu favor. As táticas são cotidianas, repentinas e, assim, ultrapassam as estratégias passadas, por exemplo, pelo Estado.³⁴ No caso do entrevistado, ele demonstra as táticas que desenvolveu para vencer o desafio de caminhar por Cascavel.

³¹MORAIS, Adilson de. Op. Cit.

³²Idem.

³³REIS, Genivaldo. Entrevista cedida a Jorge Pagliarini Junior. Reassentamento São Francisco de Assis, 25 de julho de 2007.

³⁴A respeito das práticas que os sujeitos desenvolvem no cotidiano, ver CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994. Certeau argumenta a favor da superação de uma visão estruturalista de entender a cidade.

Essas imagens da cidade são construções dos sujeitos e as diferentes maneiras como são apropriadas indicam, novamente, as diferenças entre os sujeitos e como eles constroem seus territórios. Conhecer a cidade era um sonho, um objetivo de vida, e para alcançar esse sonho o entrevistado afirma não ter “baixado a cabeça”. Pelo contrário, sempre andou de cabeça erguida. As táticas para reconhecer os lugares ajudaram a dominar esse espaço. Hoje, já com o carro próprio, o desafio foi conquistado e Genivaldo já conseguiu dispor de ofertas e produtos que não encontraria em Corbélia. Doravante, pode passear pelas ruas dessa cidade e, no seu caminhar, se auto-realiza pessoalmente, pois, como destaca, já conseguiu expandir seu território para além de sua propriedade. Para tanto, não bastou apenas conhecer o sentido das avenidas ou ter mais prática com sinais de trânsito. Mais que isso, foi necessário a auto-afirmação, vencer o desafio cotidiano.

Quando o entrevistado destaca ter vencido o desafio de se ambientar na cidade de Cascavel, também nos alerta indiretamente para o fato de muitos não terem alcançado este feito. E a afirmação desta vitória deve ser relacionada à sua própria trajetória política. Na política ele também se auto-identifica como um exemplo, pois dentre as atribuições políticas que assumiu, por exemplo, participar de reuniões da Crabi, estudar novas alternativas econômicas para o reassentamento, estava a necessidade de aprender com as dificuldades e não desistir diante da discriminação.

Nas histórias de vida narradas por Pedro, Genivaldo, Alcideo, Ivani, Adilson e outros entrevistados, o novo está presente na reconstrução de identidades. Seja no pavor de atravessar a cidade, na importância de se destacar sua conquista, seja quando se recordam das “brincadeiras” sofridas pelos que ali já viviam antes de sua chegada. As diferenças entre Corbélia e Cascavel e as características das cidades de onde saíram são importantes, mas a questão não se esgotaria na relação de hierarquia entre as cidades. É na relação com os moradores de Corbélia e Cascavel que são reconstruídos modos de vida, comportamentos, expectativas, identidades e nesta dialética os reassentados estabeleceram novas relações com o meio e recriaram seus territórios.

O trabalho como elemento diferenciador entre reassentados e assentados

Nas ruas de Corbélia encontramos moradores do reassentamento. Eles as percorrem freqüentemente. No centro urbano encontra-se o mercado, as lojas, a agropecuária, a veterinária, a praça, onde ficam os

freteiros que levam os produtos adquiridos para as propriedades, a rodoviária, de onde sai a lotação que passa em frente ao trevo de entrada do reassentamento. Esses lugares revelam muito do movimento gerado pelos reassentados. Em seu processo de inserção na localidade, os reassentados se deparam com a necessidade de se apresentar, explicar de onde vêm e falar de suas trajetórias.

Dizer-se um trabalhador é uma das maneiras mais comuns dos moradores de Corbélia se apresentarem. O trabalho também é um elemento usado para se identificar (e classificar) os visitantes, os novos moradores. Os reassentados não deixam de se auto-identificar como trabalhadores, seja no reassentamento, seja em Corbélia. Mesmo porque, quando se vai à cidade, normalmente se conversa e se negocia com pessoas que se identificam como trabalhadoras. Mas além desta relação direta entre prestador de serviço e consumidor reassentado, outras discussões geraram e ainda geram, com menor intensidade, desconfiança entre os moradores de Corbélia em relação aos reassentados. Essas desconfianças estão ligadas aos discursos sobre o “pioneirismo” que circulam na região.³⁵

Em Corbélia e região, o “pioneiro” é considerado aquele que construiu sua vida com o trabalho. Ele é lembrado exatamente por isso, pois assim teria contribuído para construir a cidade. Então, se entendermos quem são os considerados “pioneiros”, podemos entender melhor o papel atribuído aos que chegaram mais tarde à região, os reassentados. Uma breve reflexão sobre o processo de colonização da cidade de Corbélia ajuda a entender este “pioneirismo” e suas influências nas formas como os reassentados são vistos e como eles se posicionam frente a isto. Os pequenos agricultores de Corbélia reconhecem nos reassentados as mesmas virtudes que atribuem a si próprios, ou seja, o fato de terem uma vida ligada ao trabalho na terra. O trabalho, aqui, não significa apenas o labor humano, mas também uma categoria imbuída de significados distintos. Este reconhecimento está pautado numa crítica aos latifundiários da região, considerados pioneiros gananciosos.³⁶

Em Corbélia, as narrativas de vida construídas a partir do valor do trabalho podem ser apresentadas através do exemplo de um casal de agricultores, Ari e Ineide, que não moram no reassentamento. Agora residentes em Corbélia, dedicaram a vida à agricultura e moraram até há poucos anos no interior (sítio) do município. Ari, hoje, lembra da época em que tinha saúde e o trabalho ainda podia ser realizado por ele. Trabalhar não era apenas necessário, era algo prazeroso, de acordo com suas memórias: “eu poderia trabalhar mais...”³⁷

³⁵A respeito deste processo, ver BERNARDI, Eugênia Aparecida. *Transformações do espaço agrícola do Corbélia (1970 a 1985)*. Marechal Candido Rondon, 1994. Monografia (Especialização em Geografia do Brasil) - UNIOESTE.

³⁶Este é um posicionamento próximo à discussão elaborada por Klaas Woortman, autor que procura entender o ideal da lógica camponesa em diferentes “contextos”. WOORTMANN, Klaas Axel. A. W. *Com parente não se negueira*. O campesinato como ordem moral. Série Antropologia. N. 69. Brasília: UnB, 1990. Mimeo.

³⁷WINTER, Ari. Entrevista cedida a Jorge Pagliarini Junior. Corbélia, 23 de julho de 2007.

Os entrevistados fazem uma releitura de sua vida por meio do trabalho. Para ele, ele trabalhou e soube administrar suas terras. Não foi ganancioso e o trabalho, de certa forma, foi suficiente para a sobrevivência. Ela também trabalhou na roça junto com o pai e, posteriormente, com o marido, e conseguiu formar o patrimônio da família.

Ari e Ineide se consideram médios agricultores e, a partir desse *status*, procuram se diferenciar dos grandes proprietários de terra. Lembra-nos seu Ari, ao analisar a situação do agricultor brasileiro: “A maioria é a ganância... Por isso, o médio da roça tá mal.”

Diante da apresentação de sua trajetória de vida (no destaque dado ao trabalho) e da sua crítica ao latifúndio, chegamos ao seu parecer sobre os reassentados. Diferente de sua esposa, Ari ainda confundia assentamento com reassentamento. Mas desfeita a dúvida durante a entrevista, opinou sobre o futuro do reassentamento. De início, refere-se aos integrantes do acampamento do Movimento de Libertação dos Sem Terra (MLST), instalado próximo ao reassentamento: “Eles mesmo não sabem tocar (...) eles por conta, não sabem administrar, tem que ter um que comanda eles. Eles mesmo não sabem tocar”.³⁸

Posteriormente, o entrevistado analisa as trajetórias dos reassentados para diferenciá-los dos integrantes do acampamento do MLST. Ineide complementa: “por isso que tá bem, que vai bonito”. Ou seja, por não serem “sem terras”, mas reassentados, e demonstrarem com isso um costume de lidar com a terra, são bem representados pela entrevistada. Já Ari, dizendo agora entender a diferença, complementa: “esses sim. Mas quem não conhece...”.³⁹

Desta maneira, o outro foi construído. Então, para ser merecedor da posse de terra, a pessoa deve saber *trabalhar bem*. E, mais do que isso, já ter uma cultura de trabalhador da roça. Trabalhar bem pode, neste caso, também significar não invadir terras (em alusão à maneira como, geralmente, são designados os membros de movimentos sociais) ou, também, cultivar uma região e transformá-la, sem ganância, e assim não ser como um latifundiário, ou mesmo ter vontade, gostar de trabalhar, ou de ter uma origem no campo. Para o casal, o tempo destinado ao cultivo da terra diferencia as trajetórias daqueles de quem falam. Para eles e outros entrevistados de Corbélia que já conhecem a trajetória dos reassentados, as terras do reassentamento estavam sendo bem administradas, pois os moradores já eram agricultores antes de migrarem⁴⁰ à região.

De acordo com muitas falas presentes na cidade, o colono é o responsável pelo bom rendimento do comércio, por ser a pessoa que sabe aplicar as rendas

no próprio cultivo da terra, favorecendo melhores colheitas, as quais contribuem para o progresso da localidade. Além disso, o colono possui uma imagem de pessoa pacífica, cristã. Nesta linha de reflexão, as fronteiras entre pequenos e médios “fortes” e os latifundiários torna-se novamente tênue.

O trabalho, ou melhor, serem reconhecidos como trabalhadores, atribui à narrativa de Ari e Ineide uma autoridade que lhes possibilita falar do lugar onde moram. Construíram esse território com o trabalho no decorrer de décadas. Por isso, esperam dos possuidores de terra no reassentamento uma conduta parecida.

Os reassentados enfatizaram um passado de trabalho com a terra e, desta maneira, se auto-identificaram colonos, como os corbelienses. Eles se apropriam, estrategicamente ou não, deste discurso de boa imagem do agricultor ao se inserirem na cidade e região. Se possuir terra normalmente é sinônimo de ser trabalhador, ao afirmar que *já tinha terra*, o reassentado procura uma aproximação com estes traços associados ao colono. É a busca pela aceitação no novo local. Ter terra implica, então, ter algo conquistado com o trabalho e, por conseguinte, facilitamento de uma inserção proveitosa na cidade, já que dependem dela.

Os trabalhadores ou colonos já teriam demonstrado com seu trabalho porque possuem terras, pois terra, família e trabalho são elementos importantes e que se ligam nas práticas dos colonos. Expressam uma preocupação sobre a maneira como a terra ocupada por reassentados seria administrada. Para muitos moradores, em determinado momento, os reassentados foram vistos como um risco de quebra dessas relações oriundas da colonização, no que se refere à administração da terra, quando não se sabia se eram ou não pessoas da terra e “bom trabalhadores”.

Ao lutarem por uma inserção na localidade, os reassentados tiveram que lidar com isso, rejeitando estereótipos, apropriando-se de traços culturais dos corbelienses, afirmando uma espécie de *ethos* para o trabalho.

Energia elétrica, parabólicas, estradas, elementos da cultura urbana estão presentes na vida do reassentamento. Mas devemos atentar para a maneira como esta “cultura urbana” ganha destaque nas memórias das pessoas quando lembram como viviam antes do processo pelo qual passaram. Paradoxalmente, na reconstrução de vidas, o território se dá nas cidades e as cidades são significativas para a organização do reassentamento.

Nas narrativas, a materialidade alcançada e disputada demonstra as muitas maneiras como se apresentam as relações entre os próprios moradores e

³⁸Idem.

³⁹Idem.

⁴⁰Esta migração diferencia-se da dos reassentados, pois Ari e Ineide migraram para a cidade em busca de uma vida mais confortável. No caso do reassentamento, tratou-se de uma migração forçada.

deles com moradores da região. Esses lugares nos falam também dos sonhos, das conquistas, das transformações possíveis e as que não foram alcançadas.

As lutas dos reassentados nos primeiros anos de construção da barragem de Salto Caxias estavam pautadas nas reivindicações por terras e infraestrutura. Todavia, passado um período de embates com o Estado, foi necessário, para muitos deles, serem reconhecidos enquanto agricultores e mercedores das terras que receberam. Mapear parte das trajetórias dos reassentados e de compradores de terras no reassentamento nos ajuda a pensar que o processo de reconstrução de territórios pelos moradores do reassentamento São Francisco de Assis não se limita às fronteiras geográficas do reassentamento. Esse processo envolve também as diferentes relações que estes moradores estabelecem com as cidades de Corbélia e Cascavel, locais de disputas, seja no que se refere à organização do reassentamento, ou nadas ao reconhecimento diante do outro.

Artigo recebido em: 24/03/09

Aprovado em: 25/08/09.